

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER BOLIVIANA NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO VALE DO GUAPORÉ: FRONTEIRAS E HIBRIDISMO

Joely Coelho Santiagoⁱ
Mestranda em História e Estudos culturais
na Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Rosália Aparecida da Silvaⁱⁱ
Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Marco Antônio Domingues Teixeiraⁱⁱⁱ
Professor Associado do Departamento de História
na Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO

Este artigo busca registrar a atuação das mulheres durante a passagem da Romaria e das relíquias do Divino Espírito Santo pelas comunidades ribeirinhas - remanescentes de quilombo, indígenas e bolivianas - no Vale do Guaporé. Mais precisamente, o objeto de estudo é a participação das mulheres do distrito de Versalles, na Bolívia, durante o encerramento da 124ª Romaria do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé, entre os dias 17 e 20 de maio de 2018. Na celebração deste ano, a Romaria do Divino passou por 39 localidades, margem esquerda e direita do Vale do Guaporé, iniciando no distrito de Surpresa, rio Mamoré/Guajará-Mirim (RO), no dia 01 de abril do corrente ano, e encerrando no distrito de Versalles, na Bolívia, em 20 de maio. Para o ano de 2019 mais uma vez o festejo será encerrado em solo boliviano, desta vez no distrito de Remanso, que da mesma forma é localizado à margem esquerda do Vale do Guaporé, no Rio Itinez. Na análise histórica e de contextualização da comunidade de Versalles, recorre-se a autores regionais que estudam o Vale do Guaporé, bem como aos registros midiáticos sobre a localidade. O estudo volta-se ainda a questões de fronteira e de hibridismo cultural, dada à proximidade de identidades diversas (brasileiras, bolivianas, indígenas, quilombolas, presença de turistas, entre outros elementos geográficos, econômicos e culturais). Como resultado científico, espera-se realizar o registro por meio de fotografias e análises, trazendo à tona a participação da mulher nos diversos espaços sociais.

Palavras-chave: Versalles; Festa do Divino Espírito Santo; Mulheres.

RESUMEN

Este artículo busca registrar la actuación de las mujeres durante el paso de la Romería y de las reliquias del Divino Espíritu Santo por las comunidades ribereñas - remanentes de quilombo, indígenas y bolivianas - en el Valle del Guaporé. Más precisamente, el objeto de estudio es la participación de las mujeres del distrito de Versalles, en Bolivia, durante la clausura de la 124ª Romería del Divino Espíritu Santo del Valle del Guaporé, entre los días 17 y 20 de mayo de 2018. En la celebración de este año, la Romería del Divino pasó por 39 localidades, margen izquierdo y derecho del Valle del Guaporé, iniciando en el distrito de Sorpresa, río Mamoré/Guajará-Mirim (RO), el día 1 de abril del corriente año, y encerrando en el distrito de Versalles, en Bolivia, el 20 de mayo. Para el año 2019 una vez más el festejo será encerrado en suelo boliviano, esta vez en el distrito de Remanso, que de la misma forma se encuentra a la margen izquierda del Valle del Guaporé, en el Río Itinez. En el análisis histórico y de contextualización de la comunidad de Versalles, se recurre a autores regionales que estudian el Valle del Guaporé, así como a los registros de los medios sobre la localidad. El estudio se vuelve aún a cuestiones de frontera y de hibridismo cultural, dada la proximidad de identidades diversas (brasileñas, bolivianas, indígenas, quilombolas, presencia de turistas, entre otros

elementos geográficos, económicos y culturales). Como resultado científico, se espera realizar el registro por medio de fotografías y análisis, trayendo a la superficie la participación de la mujer en los diversos espacios sociales.

Palabras clave: Versalles; Fiesta del Divino Espíritu Santo; Mujeres.



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu junto com a ideia de compreender os movimentos populacionais para além da fronteira brasileira. De uma inquietação em relação ao que vem sendo produzido sobre a Amazônia, mas especialmente, sobre a mulher que nela vive. Buscando registrar de forma acadêmica e contra-discursivamente a uma tradição de silenciamento para o que as mulheres desenvolvem em seu cotidiano e que de alguma maneira afeta o caminhar histórico da região. Se “a desigualdade entre homens e mulheres é um traço presente na maioria das sociedades, se não em todas” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 17), proceder estudos e registros da forma como as mulheres buscam se impor e atuar enquanto sujeitos ativos em organizações diversas passa a ser uma maneira de contribuir com a sua emancipação e garantia de respeito.

Como primeiro ponto, o destaque surge para a atuação das mulheres durante a passagem da Romaria e das relíquias do Divino Espírito Santo pelas comunidades ribeirinhas - remanescentes de quilombo, indígenas e bolivianas - no Vale do Guaporé. O festejo ocorre há mais de cem anos, tendo iniciado em 1894 a partir de tradições portuguesas, levado de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) pela família Coelho da Comunidade remanescente de quilombo de Pedras Negras (RO), realizado em peregrinação por todo o Guaporé.

Na celebração de 2018, a Romaria do Divino passou por 39 localidades, iniciando no distrito de Surpresa, Guajará-Mirim (RO), no dia 01 de abril de 2018, e encerrando no distrito de Versalles, na Bolívia, no dia 20 de maio. A Romaria do Divino do Guaporé iniciada no distrito de Surpresa serviu para o encontro do Divino Espírito Santo daquele município, após nove anos. Conforme o cronograma de 2018 definido pelas irmandades guaporenses, a passagem da Romaria do Divino ocorreu em localidades brasileiras, indígenas e bolivianas, e foi no país vizinho que ocorreu o fechamento da festa. Para o ano de 2019 mais uma vez o festejo será encerrado em solo boliviano, desta vez no distrito de Remanso, que da mesma forma é localizado à margem esquerda do Vale do Guaporé, no Rio Itinez.

Pelas tradições mantidas, verifica-se um grande trabalho feminino durante todo o festejo, porém, há uma invisibilidade destinada à mulher nesse espaço, uma vez que ao masculino é garantido os principais momentos e símbolos de participação. Destarte, é com observação da complexidade cultural ao qual se desenvolvem as relações entre tradição, modernismo cultural e modernismo socioeconômico que se realizará o presente registro.

2 IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO PESQUISADO

O objeto de estudo deste artigo é a participação das mulheres do distrito de Versalles, na Bolívia, em 2018, durante o encerramento da 124ª Romaria do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. O corpus relativo à contribuição das mulheres na ocasião do festejo provém de observação participante e registro fotográfico da pesquisadora Joely Coelho Santiago, que esteve em campo entre os dias 17 e 20 de maio de 2018, durante a festa do Divino Espírito Santo do Guaporé no distrito de Versalles, na Bolívia. A análise é feita a partir de pesquisa bibliográfica e registros fotográficos.

Os questionamentos que motivam o estudo são relativos a: De que maneira as mulheres participam e contribuem no festejo, uma vez que há lugares/símbolos que seu acesso não é permitido? Há do outro lado da fronteira brasileira uma participação diferenciada da mulher durante o festejo? A partir dessas indagações, os objetivos a serem alcançados se delinearão desta forma: analisar o funcionamento da Festa do Divino Espírito Santo em 2018, especificamente no fechamento do festejo, na comunidade de Versalles, de forma a registrar o trabalho das mulheres e a comparar a participação masculina e feminina em uma região de fronteira, e como tal, composta por diferentes hibridismos.

2.1 Localidade

O Brasil ainda possui poucos arquivos oficiais e de acesso público em relação ao próprio Vale do Guaporé em território nacional. Menos ainda se encontra sobre os distritos bolivianos situados à margem esquerda daquela região. Uma das tentativas feitas para constituição deste trabalho foi o comparecimento na Representação da Comunidade Boliviana, no município de Guajará-Mirim, no dia 4 de setembro de 2018, porém, sem sucesso. Desta forma, para conseguir caracterizar o local, além do registro feito em Diário de Campo pela pesquisadora Joely Coelho Santiago, foram buscadas na imprensa reportagens que trouxessem o modo de vida e o contexto de vivência dos moradores da comunidade.

Versalles é uma comunidade bastante precária em estrutura física e políticas sociais. Este dado se repete na maioria das comunidades situadas no lado esquerdo do Vale do Guaporé, Rio Itinez. Os moradores fazem sua higiene diária em banheiro externo ou em tábua de lavar, no rio; os sanitários são precários e também encontram-se em parte isolada das moradias. Não tem água encanada, e são poucas as famílias que tem bombas de água^{iv}. Os mais carentes buscam água do rio em vasilhames erguidos na cabeça para encher os tambores em casa.

A energia elétrica enviada às residências de Versalles funciona apenas em horário específico, das 18 às 22 horas. Na comunidade há uma escola, que leciona uma professora, e um posto de saúde com atendente de enfermagem,

ambas profissionais são de nacionalidade boliviana e moradoras da comunidade. As casas são, em sua maioria, de madeiras cobertas por palha, zinco ou amianto. Os quintais são amplos, cercados por arames farpados ou madeiras, tomados por diversos pomares como o maracujá, tamarindo, manga, banana e goiaba, além de plantações de cabaça ou tutuma^v.

Em todas as moradias criam-se animais como galinhas, patos e porcos domésticos. Uma quantidade pequena de moradores ainda possui criação de cavalos, bois e vacas. Há uma pista de pouso e singulares quitandas com a venda de mantimentos básicos, como arroz, feijão e açúcar. A dificuldade de chegar em Versalles encarece os preços dos produtos vendidos na localidade. Problemas mais graves de enfermidades devem ser resolvidos em municípios próximos. Em dias atuais cerca de 42 famílias residem no local, compostas por bolivianos e presenças singulares de brasileiros e bolivianos indígenas. Perfazendo uma média de 120 pessoas, entre adultos e crianças.

Uma das matérias sobre a comunidade de Versalles foi publicada pelo projeto FestCine Amazônia^{vi}, durante sua visita na comunidade no ano de 2015. A edição itinerante daquele ano ocorreu em 17 de agosto de 2015 com a exibição de diversas produções cinematográficas criadas na Amazônia. O site do FestCine traz que da

produção econômica há destaque para a agricultura familiar e de subsistência na cultura de milho, arroz, feijão, melancia, exploração da castanha, e a renda advinda do turismo. Situada nas margens bolivianas do rio Guaporé, a comunidade possui “casinhas de madeira cobertas com palha, em cada uma delas. Luz elétrica. Cavalos quarto de milha soltos pelo lugar. Alguns jumentos e porcos. Uma base do exército boliviano e um oratório, para alguma Nossa Senhora, talvez, a dos navegantes”.

Como observado pela matéria, há uma religiosidade demonstrada pela presença do oratório. Sobre as mulheres, a página do FestCine Amazônia registra que elas passariam “parte do dia na água, geralmente com os filhos fazendo algazarra e pulando dos barrancos. Ali, lavam a roupa, a louça e conversam sobre tudo, enquanto pequenos peixes beliscam suas pernas”. Já os homens: “limpam o peixe do almoço ou os tracajás, que dizem ser fartos na região”. Portanto, o rio está diretamente integrado à comunidade ribeirinha. Tendo sido Versalles reconhecida por seus habilidosos construtores de barcos, quando estava no auge da navegação pelo Guaporé. O local funcionou como um dos maiores estaleiros da região, ponto de navegação e comércio, decaindo a partir da década de 80, com a abertura das rodovias, principalmente a rodovia brasileira “BR 364”.

308

Figura 1: Localização de Versalles/Bolívia. A captura de tela foi feita a partir do vídeo produzido pelo canal Amazon Sat, que demonstra a localização de Versalles^{vii}.



Essa região do Vale do Rio Guaporé, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia, foi tema ainda do canal televisivo Amazon Sat^{viii}. Na primeira reportagem analisada, publicada no dia 11 de janeiro de 2017, pelo programa Viagens pela Amazônia da TV Amazon Sat, o distrito de Versalles é descrito como formado em grande maioria por mulheres. Estas são descritas com uma história de “luta” e “determinação”, uma vez que a notícia trouxe uma entrevista com a professora Lolla Salvatierra, que desde os 20 anos idade se estabeleceu na comunidade.

Em sua fala, a professora Lolla explica ter escolhido viver em uma região fronteiriça porque “assim poderia conhecer este modo de vida das pessoas que vivem na fronteira, as

necessidades, as dificuldades que passam, então essa foi mais ou menos a minha missão no início”. Quando perguntada sobre a motivação para a permanência em Versalles, ela dirá:

Além disso me chamou muito atenção e me inspirou a permanecer mais foi a questão das mulheres, como viviam as mulheres. Como eu era um pouco mais liberal, como dizia naquele tempo, não conseguia entender como eram submetidas as mulheres nesse tempo. Eu tinha que fazer algo. O dia a dia das mulheres era bastante sacrificado, porque elas tinham que cuidar do lugar, ajudar os esposos em atividades que tinham para fazer, era na seringa, na castanha. Então, assim, era um trabalho bastante duro, além de que elas eram maltratadas física e moralmente, porque os esposos bebiam demasiadamente, maltratavam fisicamente, as esposas, os filhos. Então, tudo era um sofrimento, pode-se dizer, era um suplício para as mulheres. Era algo que não entrava na minha cabeça. (Depoimento da professora Lolla Salvatierra ao Amazon Sat^{ix})

A professora Lolla ainda dirá que as mulheres se uniram, a partir de uma ideia dela e de outra representante da comunidade, e assim organizaram um Clube de Mães. Com esse trabalho, segundo a reportagem, os homens passaram a ter consciência da importância das mulheres em todos os espaços. No vídeo mostra que ela se orgulha, porque atualmente os homens pouco bebem, pouco fumam e se entendem melhor com suas famílias. Emocionada, ela dirá: “Eu sinto orgulho disso, não é pela recompensa, minha recompensa está dada”. A continuidade da viagem e da matéria ainda trará a passagem pelo distrito de Buena Vista e terá inclusive fala a respeito da Festa do Divino do Guaporé.

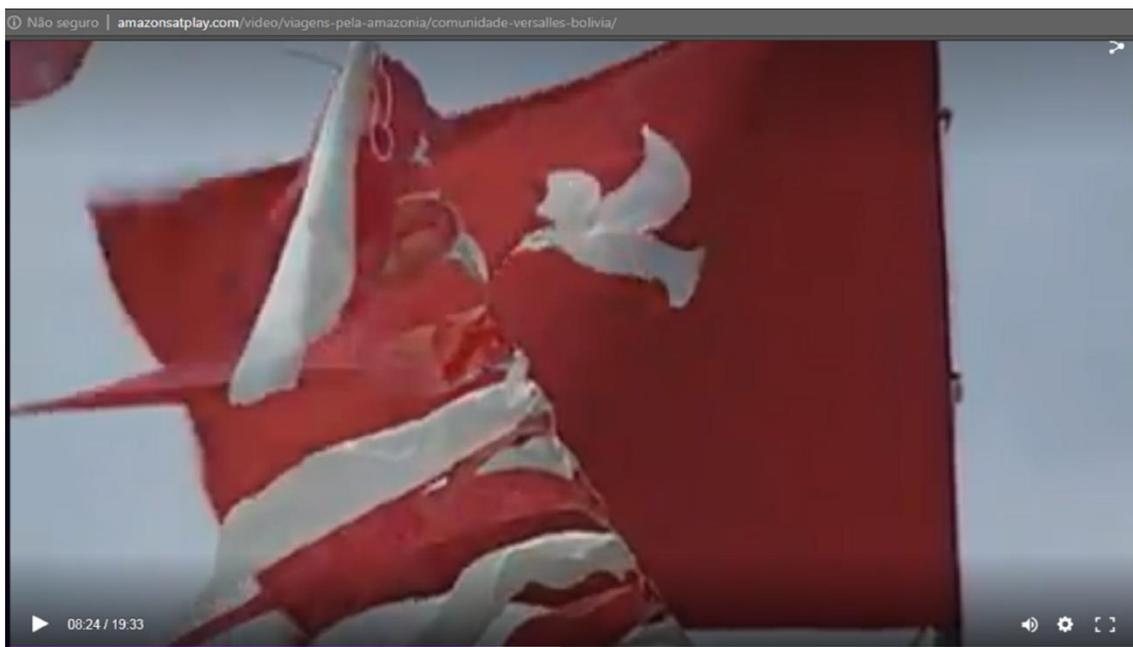
Um segundo vídeo, que foi publicado em publicado na internet no dia 19 de abril de 2017, também no programa Viagens pela Amazônia da TV Amazon Sat^x, trará mais informações sobre a construção de barcos no Distrito de Versalles, na qual é a principal produtora da região do Vale do

Guaporé, e há mais de 50 anos possui a extração de madeira como uma das principais fontes de renda do local, estando a Itaúba como a principal árvore, além de outras espécies para construção de casas. A reportagem irá dizer que os moradores trabalham o manejo madeireiro com desenvolvimento sustentável, ao se preocuparem com a preservação da floresta.

A reportagem, ao entrevistar um dos moradores mais antigos do local, Hermam Ortiz, irá ainda comentar a fé da comunidade, demonstrando a devoção a diversas crenças, disso sendo fator importante para se manter unida. No local tem uma igreja católica e mais recentemente passou a contar com um espaço de religião evangélica, vinda através do Brasil. Sobre a devoção principal, o senhor Hermam dirá: “Somos devotos do Divino Espírito Santo. Somos muito católicos aqui”.

310

Figura 2: Imagem de devoção católica no Distrito de Versalles/Bolívia. A captura de tela foi feita a partir do vídeo produzido pelo canal Amazon Sat, que demonstra a devoção ao Divino Espírito Santo no Distrito de Versalles^{xi}.



Uma das comemorações é a de 3 de maio, com a Festa da Cruz. O que o entrevistado explica, já trazendo o papel destinado às mulheres: “Tem que adornar toda a cruz. As meninas saem em grupo pela comunidade atrás de alguma coisa, um quilo de arroz, outro quilo de qualquer coisa que se amontoa grande e coloca tudo aí. Já à meia noite toca o sino e todo mundo corre para pegar qualquer coisa. É bonito”.

2.2 Religiosidade

A Igreja Católica torna-se presente no Vale do Guaporé através da atuação missionária e social de Pierre Élie Rey (Dom Francisco Xavier Rey) – Dom Rey, Franciscano da Terceira Ordem Regular. Sua missão iniciou-se em São Luiz de Cáceres – Mato Grosso (CARAVITA; ARRUDA, 2002, p. 11).

Fundador da Missão de Guajará-Mirim e nomeado prelado a 25 de julho de 1931, Dom Rey, tomou posse da Prelazia recém-criada a 25 de Janeiro de 1932. Papa Pio XI, neste mesmo ano, confia a Dom Rey “*uma das missões mais duras do mundo!*”, conforme suas próprias palavras (CARAVITA; ARRUDA, 2002, p. 7).

Dom Rey foi o responsável pela implantação de uma igreja, uma escola e um posto de saúde na Comunidade Remanescente de Quilombo de Pedras Negras do Guaporé; pela escola da Comunidade de Rolim de Moura do Guaporé e Comunidade Remanescente de Quilombo de Santa Fé; pela formação de meninas na profissão de professoras, que ao voltarem para seus locais de origem, além de atuar como educadoras, realizavam serviços de enfermagem (ASSUNÇÃO, 2012).

Além disso, o missionário edificou várias construções no município de Guajará-Mirim

como a Associação dos Vicentinos, popular Lar do Idoso; o Centro Catequético, uma emissora de rádio, denominada por Rádio Educadora; um hospital e várias igrejas em distritos do município Guajará-mireense e comunidades no Vale do Guaporé. Em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), Dom Rey fundou uma igreja e uma escola. Em Sagarana, comunidade indígena do Guaporé, fundou a Colônia Agrícola, que abrigava os indígenas enfermos.

A situação de abandono e analfabetismo assombrava a população do Vale do Guaporé, o que despertou desde a primeira visita na região a atenção do missionário. Dom Rey colocou em prática seu projeto de levar meninas, com o consentimento de seus pais, para estudar no município de Guajará-Mirim no Colégio denominado por Santa Terezinha, fundado em 1933, que a partir de 1935 passou a ser administrado pelas irmãs Calvarianas (ASSUNÇÃO, 2012, P.49-50). Cerca de 33 meninas, quase que em absoluta negras, foram educadas pelo religioso. As filhas de Dom Rey, assim passaram a ser conhecidas pela população guaporense, além de se formarem na profissão de professoras, também recebiam instruções para realizar serviços de enfermagem, assim que, voltava para seu local de origem.

Além do trabalho educacional, Dom Rey revitalizou, a partir de 1934, uma antiga tradição do Vale do Guaporé, a Festa do Divino Espírito Santo, festa que teve sua origem em Portugal. Segundo dados históricos, a festa do Divino foi

estabelecida pela imperatriz D. Izabel, casada com o imperador D. Diniz, por volta da primeira década do século XIX. A história narra que o imperador quis deserdar seu filho biológico para entregar o trono ao filho criado pelo casal, o que deixou a imperatriz muito descontente. A imperatriz desentendeu-se com o marido e foi expulsa por ele do palácio imperial. Buscou abrigo em um mosteiro onde chorava e pedia ao Divino Espírito Santo que trouxesse novamente a paz em sua família, pois havia ameaça de um grande confronto entre os familiares.

O filho biológico, muito revoltado com a atitude do imperador, seu pai, formou um exército com o objetivo de lutar e tomar posse do trono. O imperador e o filho bastardo também formaram um exército e foram ao encontro para dominá-lo. A imperatriz, muito aflita com a situação, fez uma promessa ao Divino Espírito Santo, “se a situação fosse contornada, ela mandaria fazer uma cópia da coroa do império, colocando no altar dela o símbolo do Divino (A POMBA); e que a mesma haveria de peregrinar, se possível o mundo inteiro” (Diocese^{xiii} de Guajará-Mirim e Diretoria da Irmandade de Costa Marques, 2011, p. 04).

Houve reconciliação entre irmãos e pais, e a imperatriz cumpriu sua promessa mandando fazer a Coroa, o Cetro e a Bandeira. A tradição de Portugal passou para as colônias, dentre elas o Brasil; como no Brasil não havia rei, e sim um imperador e uma imperatriz, os católicos brasileiros inseriram na festa as duas

representatividades, e assim a tradição foi subindo para o norte do Brasil até chegar em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), onde a Coroa foi para a localidade de São Vicente. Após a conversa de moradores das comunidades de Morrinho e Ilha das Flores com o Bispo Dom Aquino, em Vila Bela, os símbolos que representam o Divino Espírito Santo – Coroa, Cetro e Bandeira – foram levados para serem cultuados pelos moradores daquelas localidades por Manoel Fernandes Coelho, que foi buscar as relíquias em canoa a remo, chegando no Vale do Guaporé em 25 de junho de 1893, retornando para Vila Bela com os símbolos em agosto daquele mesmo ano.

A Romaria do Divino do Guaporé acontece por quarenta e cinco dias e encerra-se no domingo de Pentecostes. A embarcação usada pelos romeiros, denominada por Carité, é uma canoa coberta por brotos de palha. Na Romaria, a Carité funciona como igreja, tida como lugar sagrado, sendo proibida a entrada de mulheres. A Carité segue levando a Bandeira, o Cetro e a Coroa do Divino. Em dias atuais, uma grande embarcação segue o rio junto à Carité, denominada por Mestre Tiago, e uma chata, barco de menor porte, batizado por Dalila. As duas embarcações à parte, Mestre Tiago e Dalila, servem para que os romeiros possam fazer seu descanso diário e realizar os serviços domésticos, como lavar e engomar roupas. Somente na embarcação Dalila é permitido a entrada de mulheres.

É a partir dessa tradição que se fará a abordagem em relação à atuação da mulher e de sua devoção à festa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Canclini (2015, p. 349): “Em toda fronteira há arames rígidos e arames caídos”, e é essa aproximação representada em subterfúgios culturais e outros ritos que interessa enquanto aporte teórico ao estudo para uma região de fronteira, que une povos do Brasil e da Bolívia. O autor aponta que não se vive numa sociedade de concepção vertical e bipolar, mas há novas estruturas de poder, uma reorganização do poder, que agora é descentralizado, multideterminado dentro das relações sociopolíticas. Dentro desse amplo leque da interculturalidade de hibridação, em que as relações se entrelaçam, assim como todas as fronteiras físicas, há buracos (por assim dizer), ou como fala o autor, há os arames que são rígidos e os que estão caídos. Ao mesmo tempo, as práticas culturais só às vezes são de fato ação no sentido de intervenção efetiva nas estruturas materiais da sociedade. Para Canclini (2015, p. 350), quem sabe “o maior interesse para a política de levar em conta a problemática simbólica não reside na eficácia pontual de certos bens ou mensagens, mas no fato de que os aspectos teatrais e rituais do social tornem evidente o que há de oblíquo, simulado e distinto de qualquer interação”.

Ao trabalhar as culturas híbridas, Canclini (2015) conceitua que a hibridação está em fundir estruturas, que podem ser representadas por práticas sociais, para que assim gerem novas estruturas e novas práticas, dentro de um trabalho imprevisto e não planejado e que envolve criatividade individual e coletiva, a partir de migração, turismo, intercâmbio econômico, comunicacional, num mundo fluidamente interconectado. Há em atuação uma “agonia das coleções”, ou seja, uma grande mistura, a qual é vivenciada nestes tempos, em que não só os avanços das comunicações, ou a urbanização acelerada, ou outros processos vistos de forma isolada (heranças do passado, interações públicas etc.) podem dar conta de explicar. O novo e o antigo estão à volta das sociedades, de tal modo que as coleções (culto, popular, massivo) ainda existem, mas não isoladas. Outrossim, não é exclusividade de museus, bibliotecas e outros espaços conterem esses objetos - que ao serem visitados em tempos passados davam o status de culto a quem a ele tinha acesso; e inculco aos demais. Portanto, essa etapa da indústria cultural que cerca as sociedades, esse entrecruzamento/cruzamento, intercâmbio, interculturalidade, mesclagem, fragmentação, são processos que remodelam a sociedade e que o autor classifica como hibridização cultural.

Também são estudados por Canclini (2015), as ideias sobre “deteritorialização” e de “reteritorialização”. Os dois processos mostram

o que significa entrar e sair da modernidade (ou pós-modernidade como explicam outros autores), e as transformações culturais contemporâneas. Ambos conceitos trazem a perda (e/ou realocação) da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas. Um dos principais locais em que essa tese do autor se desenvolve é na fronteira México-Estados Unidos, principal área de migrações do continente, de movimentos interculturais intensos, sob uma conjuntura de desemprego, movimentação de camponeses e indígenas vindos para as áreas urbanas, permeados por meios de comunicação, movimentos artísticos e outros fenômenos descritos pelo autor, oferecendo vantagens e desvantagens neste período de territorializar/deteritorializar.

A territorialização e a deteritorialização também passam ser importante para refletir sobre o papel da mulher de Versalles enquanto sujeito que está agrupado à região em crenças, costumes, tradições e identidades que estão em sintonia e de outro lado em ajuste. Uma vez que a elas estão em interação diversas abordagens pluriculturais e expressões heterogêneas:

Nas lutas pelo voto feminino e pelo acesso das mulheres à educação, assim como na exigência de direitos iguais no casamento e do direito ao divórcio, do direito das

mulheres à integridade física e a controlar sua capacidade reprodutiva, o feminismo pressionou limites da ordem estabelecida, é claro, mas também das formas de pensar o mundo que as legitimavam. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 8)

E assim como inseridas em um mundo de dualidade mulher-homem, de precisar estabelecer respeito a direitos básicos, bem como a vinculações de classe, raça e sexualidade, há por outro lado a constituição histórica da região. A respeito da colonização do Madeira e do Guaporé, Teixeira e Fonseca (2003, p. 45) dirão que as missões religiosas foram se estabelecendo com vistas a catequisar e a pacificar indígenas por meio da presença de jesuítas. Na região do Guaporé, os dois historiadores registram as disputas de portugueses com indígenas e também com os castelhanos. Tanto, que em 11 de setembro de 1722 partiu de Belém a expedição de Francisco de Mello Palheta. Essa expedição evidenciou “o avanço das missões jesuíticas castelhanas ao longo do Guaporé, já muito próximas às minas de Mato Grosso, o que representava um grande mal-estar para as autoridades coloniais lusitanas (TEIXEIRA; FONSECA, 2003, p. 46). Diante dessa situação, a Coroa Portuguesa por meio do Alvará de 27 de outubro de 1733 proíbe a navegação pelo Madeira. A exploração de ouro e de outras drogas do sertão chamavam a atenção para a região do Guaporé.

As tensões fronteiriças prolongam-se por toda a segunda metade do século XVIII no Vale do Guaporé, acirrando-se a partir da anulação do Tratado de Madrid em 1761. No

entanto, em Mato Grosso, fazia fazer pelas armas, pela colonização e pela formação de contingentes militares a soberania portuguesa sobre a margem direita do Guaporé. (TEIXEIRA; FONSECA, 2003, p. 52)

A tensão na região de fronteira e a busca por garantia do território levou entre outras ações a fundação do Forte Príncipe da Beira (1783) e de Vila Bela de Santíssima Trindade (1752) pelo primeiro governador do Mato Grosso, Dom Antônio Rolim de Moura. Depois de uma época áurea, há o declínio das lavras do Guaporé e, por consequência, veio a decadência e isolamento da região: “o Vale do Guaporé passou a ser uma região notoriamente esquecida, povoada somente por negros, descendentes de escravos que ali permaneceram” (TEIXEIRA; FONSECA, 2003, 315 p. 61). É desta reorganização social que virão as novas histórias que irão compor o Vale do Guaporé.

Sobre a relação com a Bolívia, na época do primeiro auge da borracha, é registrado que: “Os bolivianos, transformados em proprietários de seringais e donos da região do Vale do Guaporé, tão arduamente defendida pelos luso-brasileiros, resolveram assaltar e saquear, despojar o Real Forte Príncipe da Beira ao abandono” (LIMA, 1983, p. 43). Para Canclini (2015) é, portanto, muito antes do advento dos meios modernos de comunicação que se tenta a massificação das culturas populares. É de toda essa engrenagem colonizadora, que se iniciou a tentativa de homogeneidade das culturas autóctones da América, foi “nas operações

etnocidas da conquista e da colonização, na cristianização violenta de grupos com religiões diversas - durante a formação de Estados nacionais -, na escolarização monolíngue e na organização colonial ou moderna do espaço urbano” (CANCLINI, 2015, p. 255).

No Vale do Guaporé, Albuquerque (2006) diz que entre os negros que chegavam fugindo da escravidão nas minas de ouro em Cuiabá estavam também as mulheres. A que conseguiu ficar entre os raros registros históricos foi Teresa de Benguela e sua atuação no Quilombo do Piolho, “mas todos que se referem aos fatos citam que havia outras mulheres, sem citar nomes (ALBUQUERQUE, 2006, p. 81). O autor complementa:

Mas as mulheres do Guaporé têm sido, ao longo dos anos, muito importantes para que se transfira, de geração a geração, conhecimentos, tradições culturais, religiosas e, principalmente, a cultura alimentar guaporeana que os não iniciados só tem conhecimento quando é época da Festa do Divino, anualmente entre a Páscoa e o Pentecostes. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 81)

De acordo com Bandeira (1988, p. 117), o Quilombo do Quariterê, ou do Quariteté ou do Piolho, é considerada a mais importante formação de quilombo em Mato Grosso, pela consistência de sua organização. O quilombo foi formado às margens do Rio Quariteté ou Piolho, afluente da margem ocidental do Guaporé. Possuía uma população de 300 pessoas, tendo por governo José Piolho, substituído na sua morte pela esposa Teresa, intitulada “Rainha

Viúva” (LIMA, 1983, p. 29), foi ela que em 1770, teve importante papel de resistência contra a Bandeira formada para capturar “escravos fugidos”.

Os homens foram concentrados embaixo de uma árvore, sob a mira dos bacamartes, os mortos enterrados, os feridos medicados e as mulheres possuídas pelos atacantes, como recompensa e presa de guerra. A rainha Tereza, após alguns dias, morria de inanição, pois indignada deixou de se alimentar, ante os vexames, humilhações e desrespeito que fora submetida. (LIMA, 1983, p. 30)

São essas mulheres invisibilizadas, mas participativas e ativas no cotidiano das comunidades, na constituição de culturas, costumes e religiosidades, que há a intenção de se captar e registrar com essa publicação. A finalidade é a de reverter o processo de apagamento a que são submetidas. Conforme Perrot (2007, p. 16) há invisibilidade e silêncio que confinam as mulheres: “as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento”. Espera-se com isso contribuir para essa contribuição ao relato histórico, esse desvelar da figura feminina das proximidades de Rondônia, Brasil.

4 METODOLOGIA E CORPUS

Visando o registro da atuação das mulheres durante a passagem da Romaria do Divino Espírito Santo pelo Distrito de Versalles, apresentam-se as imagens feitas durante o

encerramento da Festa do Divino realizado nos dias 17 a 20 de maio de 2018, na comunidade boliviana. A missa de encerramento foi presidida por Dom Humberto Eugênio Maiztequi Gonçalves - bispo de Trinidad, cidade da

Bolívia, capital do Departamento do Beni -, e ao término foi feita uma homenagem a Dom Geraldo Verdier, bispo emérito de Guajará-Mirim, falecido em outubro de 2017, no município citado.

Foto 1: Parte inicial da comunidade de Versailles e a embarcação Carité. À margem ainda estão os barcos, de pequeno e de grande porte, dos devotos. Foto: Joely Santiago, 2018.



317

No festejo do Divino em Versailles houve a presença de moradores de localidades próximas, brasileiras, indígenas e bolivianas, dentre elas: Pedras Negras, Santo Antônio, São Francisco, Tanguinha, Piso Firme, Remanso, Cafetal, Mateguá e Laranjeiras. Além de devotos residentes em Rolim de Moura, Guajará-Mirim, Porto Velho e turistas nacionais e estrangeiros.

O símbolo do Divino Espírito Santo é representado por um Pombo, confeccionado em prata, e fica centralizado na ponta de um longo cabo em madeira que carrega a Bandeira do Divino. A Bandeira do Divino é cor vermelho

escarlate e em seu meio está a figura de um pombo. Esta relíquia é manuseada durante o cortejo pelo alferes da bandeira, um homem. A Coroa, em prata, símbolo que representa o poder do imperador é uma coroa envolvida por fitas coloridas. As fitas, simbolizam a fé dos devotos, tanto que são coloridas, umas maiores e outras menores, em várias cores. O Cetro, também em prata, símbolo que representa o poder, respeito ao comando do Império Real (Mc 15,19) mede menos de meio metro, e é envolvido, também, por fitas coloridas, com um pequeno pombo, em prata, na ponta.

Foto 2: Procissão do mastro: Alferes da bandeira (com a Bandeira), Imperatriz (com o Cetro) e Imperador (com a Coroa). Foto: Joely Santiago, 2018.



Das três relíquias do Divino (Bandeira, Coroa e Cetro), o Cetro é o único que a mulher (**Foto 02**) pode carregar durante o ato religioso católico. Contudo, essa mulher não pode ser qualquer moradora da localidade na qual a Romaria faz a cerimônia de passagem. Essa mulher tem que ser uma pessoa que seja dona de “boas virtudes”, caso seja solteira; já a mulher viúva ou casada, essa deve ter “bons comportamentos”.

No último dia da festa, seguindo tradicional ritual, as relíquias do Divino são armazenadas em uma espécie de urna, em madeira, e assim seguem, mantidas, por todo o restante do ano. O ato de “guardar a Coroa” envolve todo um cerimonial específico: os romeiros seguem pelos arruamentos, em caminhada, trajando casaco e capuz cor branco.

Em seguida, deslocam-se para a igreja a fim de **318** armazenar os símbolos em uma espécie de urna em madeira, mantida fechada por um cadeado. Depois é realizado sorteio para decidir a localidade que sediará o encerramento da Festa do Divino no ano vindouro. Sempre definido entre os homens, igualmente grande parte da festa (**Foto 03**).

Durante a Festa do Divino um dos trabalhos femininos é o preparo dos alimentos (**Foto 04**). Dentre os pratos preparados em Versalles estavam a farofa de miúdos de frango, a carne cozida e assada, arroz, feijão e pão caseiro; no que diz respeito às bebidas: o achocolatado e a chicha (bebida feita de milho). Na ocasião, mulheres e homens de outras localidades ajudaram os moradores de Versalles a preparar as refeições - café, almoço e janta

(Foto 05). O trabalho coletivo marcou o festejo centenário, porém, com manutenção das divisões sociais de trabalho e de encargos nos momentos mais decisivos da festa. Assim, aos homens são

destinadas atividades de gestão e organização da festa ou das tarefas (incluídas as de maior uso de força física), e às mulheres os afazeres mais ligados ao preparo dos alimentos e afins.

Foto 3: Subida do Mastro. Trabalho feito somente por homens. Foto: Joely Santiago, 2018.



319

É importante ressaltar que diferente dos festejos realizados em localidades brasileiras, onde as irmandades recebem donativos públicos, em comunidades bolivianas este benefício não acontece. Os moradores organizam-se entre si e com a pequena ajuda de devotos servem o que conseguem de escassas doações e recursos próprios. Condição esta que não agradou a todos os participantes, pois comida e bebida eram poucas, tendo servido a todos, mas não em fartura.

Moradores de áreas pouco habitadas questionam sobre o cronograma de passagem

pelas comunidades do Batelão do Divino do Guaporé, cujo documento é elaborado em reunião do Conselho Geral com os representantes de cada irmandade, no município de Costa Marques/RO. Algumas localidades, como a de Tanguinha, se transformou em fazenda e lá reside apenas uma família. Durante a pesquisa de campo, a pesquisadora Joely Santiago pode conversar com o morador da localidade, que acompanhado por sua esposa e filha relatam que haviam sacrificado um porco para oferecer aos romeiros, entretanto o Batelão do Divino não fez parada em Tanguinha, como

em outros anos. Fato que deixou muito triste o morador da localidade, pois além de ser devoto do Divino aquele dia em que o Batelão

possivelmente faria parada pela localidade era dia de festejar o seu aniversário.

Foto 4: Imagens da mulher de Versalles preparando a refeição; mulher no serviço de limpeza dos utensílios, sobre jirau; e mulheres se revezando entre os afazeres no rio e na cozinha. Foto: Joely Santiago, 2018.



320

Por outro lado, a pesquisadora pode conversar sobre o fato ocorrido com um dos representantes de irmandade guaporense, o colaborador relatou que no dia em que acontece a reunião do Conselho Geral para definir o cronograma da Carité é necessário que se faça presente algum representante da comunidade que deseja que o Batelão faça parada. Não acontecendo a presença de nenhum morador em

localidades com poucas famílias, aquele local não entra na lista do cronograma. Ainda sobre a questão do cronograma elaborado em Conselho Geral, o orador da Romaria do Divino neste ano, relata que “Esse aí é uma coisa que tem que ser muito bem elaborada pra ninguém esperar e o Batelão não passar. De uma comunidade pra outra acontece de ter contramão^{xiii}”.

Foto 5: Imagem da mulher no serviço de temperar a carne e homem no serviço de perfurar a carne no espeto; e de homens fazendo espetos de cipós de Taboca para assar a carne. Foto: Joely Santiago, 2018.



A inserção de um cronograma de viagem para o Batelão é algo contemporâneo. Os moradores mais velhos assim como os romeiros mais idosos do Batelão do Divino do Guaporé narram que a Romaria não seguia nenhum cronograma específico, tanto que para isso serve a função do Mensageiro da Carité. O mensageiro da Carité seguia em metros de distância à frente da embarcação, em canoa e remo, para avisar que a Romaria estava chegando e perguntar se aquela comunidade iria ou não receber as relíquias do Divino. Os mais antigos também narram que a festa do Divino era bastante animada e aguardada pelos moradores. “Antigamente, soltou o Batelão no rio já começava a Festa. E hoje não...parece assim que tá carregando é senhor morto. Não tem aquela animação, aquela alegria que tinha antigamente. Eu conheci a festa do Divino como festa ainda!

Minha mãe foi imperatriz três vezes”, afirma em depoimento à pesquisadora Joely Santiago, a senhora Aniceta Pinheiro (moradora mais antiga da Comunidade de Pedras Negras, em Rondônia).

321

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Na busca por estudar e registrar a participação das mulheres do distrito de Versalles, na Bolívia, em 2018, durante o encerramento da 124ª Romaria do Divino Espírito Santo, observou-se a dedicação e a resistência da mulher de Versalles. Devota e atuante junto à festividade. Porém, inserida em um contexto em que está posta na comunidade as divisões de tarefas. “Numa rígida divisão de papéis, tarefas e espaços. Para o homem, o

trabalho da terra e as transações do mercado. Para a mulher, a casa, a criação de animais, o galinheiro e a horta” (PERROT, 2007, p. 111). Porém, a mulher de Versalles e de todas as demais comunidades por onde passou a Festa do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé marca sua presença e sua subjetividade, portanto, deve ter registrada sua atuação e trazida ao registro para sua visibilidade. Ela está presente durante todo o festejo, com seu trabalho, disposição, participação e devoção.

Inserida em território de fronteira, perpassa pela realidade dessas mulheres um mundo fluidamente interconectado pelo rio Guaporé, lado esquerdo e direito, por novas tecnologias, pelo intercâmbio econômico e social, e pela constituição de suas populações e de sua historicidade. Desde o processo primeiro de hibridização, que foi a mestiçagem (portugueses, espanhóis, indígenas, negros), variações linguísticas pelo encontro de culturas, e o próprio processo de intersecção, ocorre a transição intercultural que geram novas práticas e novas estruturas. As cercas que limitam os distritos e demais comunidades estão erguidas na representação do rio que as separam e distanciam, e ao mesmo tempo caídas e aproximadas. Com isso, essa mulher vem disputando seu reconhecimento, o seu trânsito entre a modernidade e a tradição. Este trabalho intenta, desta maneira, ser um desses registros que a deixam mais visíveis e reconhecidas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lúcio Cavalcante de. **A mulher de Rondônia: de Tereza de Benguela a Coronel Angelin (1753-2003)**. Porto Velho: Primmor Forms, 2006.

ASSUNÇÃO, Izabel de Oliveira. **Memórias de monsenhor Francisco Xavier Rey – Dom Rey: O apóstolo que se transformou em anjo**. São Paulo, Scortecci, 2012.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARAVITA, Adriana; ARRUDA, Luiz Gomes. **Dom Rey: O primeiro bispo de Guajará-Mirim: centenário de seu nascimento, 1902-2002**. São Paulo, 2002.

CRUZ, Tereza Almeida. **Um estudo comparado das relações ambientais das mulheres da floresta do Guaporé (Brasil) e do Mayombe (Angola) 1980-2010**. 2002. 367 f. Tese de Doutorado em História do Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Diocese de Guajará-Mirim & Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo de Costa Marques (RO). **117 anos de Tradição e fé – 04 a 12/06/2011**. Material impresso – a partir de relatos de antigos mato-grossenses - doado aos devotos.

LIMA, Abnael Machado. **Guaporelândia (Conquista do Vale do Guaporé)**, Bicentenário

da Inauguração do Real Forte Príncipe da Beira.

Rondônia: Sem editora, 1983.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia.

Feminismo e Política. São Paulo: Boitempo, 2014.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues;

FONSECA, Dante Ribeiro da. **História**

Regional: Rondônia. 2 ed. Porto Velho:

Rondoniana, 2001.

NOTAS

ⁱ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Guajará-Mirim. Mestranda em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Bolsista Capes.

ⁱⁱ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2000) e Pós-Graduação em Administração Pública pela Fortium (DF) e em Jornalismo Empresarial e Assessoria de Imprensa na Faculdade Santo André/Multiron (RO). É jornalista concursada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (desde setembro de 2010).

ⁱⁱⁱ Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia - UNIR e docente do Mestrado em História e Estudos culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Pará (1982), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1997) e doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (2004).

^{iv} Durante o trabalho de campo na comunidade, os serviços de encanação estavam sendo feitos em Versalles.

^v Planta que produz uma espécie de cuia usada como utensílio doméstico ou para servir refeições.

^{vi} Matéria “Versalles: Bolívia recebe o Festcineamazônia Itinerante” Disponível em <<http://cineamazonia.com.br/2015/12/20/versalles-bolivia-recebe-o-festcineamazonia-itinerante/>>. Acesso em 01 Set 2018.

vii Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wCmnqJ-acWs>>. Acesso em 01 Set 2018.

viii Vídeo “Viagens pela Amazônia: Distrito de Versalles, Buena Vista e Cafetal – Bolívia”. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wCmnqJ-acWs>>. Acesso em 01 Set 2018.

ix Idem. Vídeo “Viagens pela Amazônia: Distrito de Versalles, Buena Vista e Cafetal – Bolívia”. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wCmnqJ-acWs>>. Acesso em 01 Set 2018.

x Vídeo “Comunidade Versalles – Bolívia”. Disponível em <<http://amazonsatplay.com/video/viagens-pela-amazonia/comunidade-versalles-bolivia/>>. Acesso em 7 Set 2018.

xi Disponível em <<http://amazonsatplay.com/video/viagens-pela-amazonia/comunidade-versalles-bolivia/>>. Acesso em 07 Set 2018.

xii O documento foi apresentado à pesquisadora Joely Coelho Santiago pelo Sr. Eurico Coelho, em março de 2018.

xiii LOPES, João Gomes. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Pedras Negras do Guaporé (RO), em 15 Mai 2018.

Recebido em: 23/07/2018.

Aprovado em: 22/08/2018.

Publicado em: 31/08/2018.